



Universidade de Brasília - UNB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Teoria Literária e Literaturas - TEL

DÉBORA EVANGELISTA SILVÉRIO BORGES

EMIGRAÇÃO E QUEDA: ESTUDO DA OBRA *ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ*, DE LUIZ RUFFATO.

ORIENTADORA: DRA. MARIA ISABEL EDOM PIRES

BRASÍLIA - DF

2013

DÉBORA EVANGELISTA SILVÉRIO BORGES

EMIGRAÇÃO E QUEDA: ESTUDO DA OBRA *ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ*, DE LUIZ RUFFATO.

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Dra. Maria Isabel Edom Pires.

BRASÍLIA - DF

2013

Universidade de Brasília - UNB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Teoria Literária E Literaturas - TEL

BORGES, Débora Evangelista Silvério. Emigração e queda: estudo da obra *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato. Monografia de Graduação. Brasília: TEL/IL/UNB, 2013.

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Aprovada por: Professora Dra. Maria Isabel Edom Pires

Brasília - DF
2013

Dedico este trabalho aos meus pais, Ildaci e Sueli, aos meus irmãos, Tiago e João Vitor, e à Maria Lúcia - por todo amor, apoio e incentivo ao longo da minha jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Ildaci, pelo constante exemplo de perseverança, caráter, honestidade e pelo apoio - incondicional - ao longo de toda minha jornada.

À minha mãe, Sueli, pelo encorajamento constante, apoio, incentivo e dedicação durante todo o percurso e por sempre me escutar.

Aos meus irmãos, Tiago e João Vitor, pelos empurrões tão necessários e por sempre acreditarem em mim.

À Maria Lúcia Graciano França, por me apresentar, ainda na infância, o mundo literário e suas infinitas possibilidades.

Aos meus amigos e familiares, pelo apoio e compreensão, principalmente nos meus momentos de involuntárias ausências.

À Mariana (*in memoriam*), pelo exemplo e legado deixado.

À Prof^a Dr^a Maria Isabel Edom Pires, pela orientação, pelo acolhimento e carinho.

A Deus, o maior dos Orientadores, fonte de sabedoria e infinita bondade, por ter-me possibilitado saúde, inteligência, ânimo, disposição e capacidade para vencer mais um desafio.

RESUMO

O tema das quedas na ficção aparece com frequência na literatura mundial de todos os tempos. A obra *Estive em Lisboa e lembrei de você*, assinada pelo autor Luiz Ruffato para integrar o projeto *Amores Expressos*, traz para a contemporaneidade o tema tão recorrente em narrativas literárias clássicas. Este trabalho pretende, examinando os elementos textuais, o espaço físico / geográfico de Lisboa - uma das "cidades cenário" da narrativa - e as condições sociais e econômicas do indivíduo migrante na capital de Portugal, analisar as configurações e significações das quedas do personagem principal de *Estive em Lisboa e lembrei de você*

Palavras-chave: Quedas, Luiz Ruffato, *Estive em Lisboa e lembrei de você*, *Amores Expressos*.

ABSTRACT

“Fall” is an average topic in worldwide literature for centuries. The book *Estive em Lisboa e lembrei de você*, that Luiz Ruffato wrote to a project called *Amores Expressos* brings to nowadays this topic that is frequently found in classic literature. This dissertation aims, through an accurate exam of textual elements, the geographic space and social and economical conditions of the immigrant in Portugal's capital, to analyze how the "falls" of the main character appear in the book and what are their meanings in *Estive em Lisboa e lembrei de você*.

Keywords: Falls, Luiz Ruffato, *Estive em Lisboa e lembrei de você*, *Amores expressos*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 AMORES EXPRESSOS: DA CONCEPÇÃO À POLÊMICA	10
1.1 <i>ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ</i>	12
2 ENTRE O CHÃO PERDIDO E O CHÃO ENCONTRADO: DESLOCAMENTOS NO EIXO BRASIL - PORTUGAL	16
3 SERGINHO: PERSONAGEM EMIGRANTE EM PORTUGAL.....	21
4 ENTRE CHUTOS E PONTAPÉS - O MOVIMENTO DESCENSIONAL DO PERSONAGEM PELAS RUAS DE LISBOA	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

Introdução

O presente trabalho consiste em uma análise do livro *Estive em Lisboa e lembrei de você*, do autor Luiz Ruffato, com foco principal nas quedas vividas pelo personagem Serginho - especificamente na cidade de Lisboa.

As quedas aparecem de modo frequente na literatura mundial de todos os tempos e busca-se aqui analisar como se configuram e quais suas significações em *Estive em Lisboa e lembrei de você*.

Com esse objetivo, pretende-se primeiramente apresentar ao leitor o projeto *Amores Expressos*, do qual a obra faz parte; dar a conhecer o autor do livro e fazer um panorama geral de *Estive em Lisboa e lembrei de você*; abordar e interpretar os paratextos presentes (epígrafes, dedicatórias e notas) mostrando a importância que têm para a compreensão total do romance e, por fim, analisar as quedas e infortúnios, relacionados à situação de emigração, do personagem Serginho ao longo da narrativa.

A metodologia utilizada na coleta de dados do trabalho se deu basicamente por meio de pesquisa bibliográfica em livros e artigos on-line e da análise de *Estive em Lisboa e lembrei de você* com foco na estrutura narrativa da obra, seu personagem principal, sua estética e a história que nos é contada.

Na primeira parte do trabalho, foi feito um panorama do projeto *Amores Expressos* seguido de uma breve apresentação do autor e da obra a ser analisada.

Na próxima etapa, tratamos dos paratextos trazidos por Ruffato na organização do romance situando, inicialmente, o leitor na história dos deslocamentos entre Brasil e Portugal e partindo para a análise propriamente dita das epígrafes, notas e referências externas presentes no texto.

O capítulo seguinte apresenta o personagem Serginho: inicialmente no contexto de sua cidade natal, Cataguases, e posteriormente em Portugal.

A parte final do trabalho dedica-se à análise das quedas e infortúnios do personagem Serginho ao longo de sua jornada por Portugal - expostas na segunda parte do romance - em suas configurações principais dentro da obra e é acrescida das considerações finais.

1 AMORES EXPRESSOS: DA CONCEPÇÃO À POLÊMICA

Idealizado pelo produtor cultural Rodrigo Teixeira e com curadoria do escritor João Paulo Cuenca, o projeto *Amores Expressos* gerou discussões polêmicas veiculadas na imprensa desde seu primeiro anúncio em 2007.

Em sintonia com a literatura contemporânea - marcada pela mobilidade espacial e pela desconstrução dos conceitos de nacional e universal - o projeto literário enviou 16 escritores brasileiros para diversas cidades do mundo para que escrevessem histórias de amor, ambientadas nesses espaços.

Com o primeiro anúncio do projeto, em reportagem de Cadão Volpato para a *Folha de São Paulo*, em 17 de março de 2007, vieram as primeiras (e muitas) críticas: *Amores Expressos* previa o financiamento total das viagens internacionais para os 16 autores, incluindo passagens e estadia pelo período de um mês no destino, com recursos provenientes da Lei Rouanet de incentivo à cultura e, posteriormente, a publicação dos livros em uma das maiores editoras do país - a Companhia das Letras.

As críticas referentes ao uso de dinheiro público para o financiamento do projeto, bem como este, supostamente, incluir somente autores próximos aos organizadores e abordar um tema recorrente como o amor inundaram a internet em matérias, artigos e postagens em blogs de vários escritores. Questionou-se também a qualidade de livros encomendados - se teriam uma boa recepção e se apresentariam resultados satisfatórios, principalmente considerando-se todo o investimento - inicialmente previsto em R\$1,2 milhões - e a legitimidade de uma literatura financiada fora do esquema padrão de contratos de edição, vendas e direitos autorais de livros.

Rodrigo Teixeira, por fim, desistiu de tentar recursos junto ao Ministério da Cultura, mas não abriu mão do projeto; financiou *Amores Expressos* com recursos privados e o projeto editorial ganhou, conforme previsto inicialmente, documentários (filmes de 24 minutos) mostrando a experiência dos autores, exibidos em 2011 na TV Cultura.

Até o momento, nove dos 16 autores já tiveram seus livros publicados pela Companhia das Letras: Daniel Galera (*Cordilheira*), Joca Reiners Terron (*Do fundo*

do poço se vê a lua), Bernardo Carvalho (*O filho da mãe*), Sérgio Sant'Anna (*O livro de Praga - Narrativas de amor e arte*), Chico Mattoso (*Nunca vai embora*), João Paulo Cuenca (*O único final feliz para uma história de amor é um acidente*), Luiz Ruffato (*Estive em Lisboa e lembrei de você*) e, mais recentemente, Paulo Scott (*Ithaca Road*) e Daniel Pellizzari (*Digam a Satã que o recado foi entendido*).

1.1 ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ

Nascido na cidade mineira de Cataguases, em 1961, Luiz Ruffato assina a obra *Estive em Lisboa e lembrei de você*. Formado em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Ruffato já publicou vários livros aclamados tendo lugar de destaque na literatura contemporânea brasileira.

O próprio autor, em entrevistas, lembra que antes de se tornar escritor já foi “pipoqueiro, caixeiro de botequim, balconista de armarinho, operário têxtil, torneiro mecânico, jornalista, sócio de assessoria de imprensa, gerente de lanchonete, vendedor de livros autônomo e novamente jornalista” (RUFFATO, 2009a) - sendo esta última uma área na qual atua até hoje, na cidade de São Paulo.

Sua trajetória literária iniciou-se em 1998, com duas obras de contos: *Histórias de Remorsos e Rancores* e *Os Sobreviventes* (2000) - ambas as obras foram reescritas e, reeditadas, passaram a integrar o conjunto que compõe *Inferno Provisório*. No ano seguinte, foi aclamado com o prêmio Machado de Assis - pela Fundação Biblioteca Nacional e pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) por seu romance *Eles Eram Muitos Cavalos* - saudado pela crítica como um dos mais importantes livros da ficção brasileira contemporânea.

Em 2005, Ruffato publicou o primeiro título da série *Inferno Provisório*, o romance *Mamma, son tanto Felice*. A série, composta por seis volumes, é um dos projetos mais ousados e premiados da literatura brasileira - dois prêmios da Associação Paulista de Críticos de Arte e um Jabuti - e traz uma temática e um formato único fazendo de Ruffato uma das vozes mais originais da sua geração no mundo da literatura.

Ruffato foi convidado a integrar o projeto *Amores Expressos* e embarcou para Lisboa em junho de 2007 – onde viveu por um mês conforme proposta inicial do projeto.

Nas poucas postagens que fez em seu blog – parte integrante do projeto *Amores Expressos* – observamos que o autor emigrante divide com o personagem principal de *Estive em Lisboa e Lembrei de você* algumas impressões. Relata que

[...] Agora, estou instalado em Lisboa, e chove e faz frio... (RUFFATO, 2007).

Descubro frustrado que realmente não tenho vocação para blogueiro...não vejo nada de interessante que possa ser comunicado aos outros...Lisboa tem sol, mas não calor ainda...tem luz e cheiro de sardinha nas ruas, encontro com os amigos, converso com eles sobre projetos, mas nada que gostasse de dividir...sinto que em minha vida de viajante nada corre de interessante... (RUFFATO, 2007).

Quando o livro ainda estava em processo de elaboração no ano de 2009, em entrevista concedida ao projeto Paíol Literário, Ruffato deixou claro que o processo de escrita de *Estive em Lisboa e lembrei de você* era para ele um pouco frustrante.

[...] não consigo sair do meu universo. Então, escrever sobre Lisboa, para mim, é escrever sobre um personagem de Cataguases em Lisboa. Daquelas pessoas que vão tentar a vida em Lisboa e não sabem nem onde fica Lisboa. Simplesmente falam pra ele: “Lá em Lisboa parece que o pessoal tá ganhando uma grana”. E ele vai e se perde. Como poderia acontecer em São Paulo ou no Rio. (RUFFATO, 2009b).

Revelou ainda em episódio da série *Amores Expressos*, exibida em 2011 pela TV Cultura, que do mesmo modo que muitos outros brasileiros que emigraram para Portugal, sentiu na pele preconceito e xenofobia entre os mais conservadores.

Os portugueses, no primeiro momento, são muito duros. Depois você descobre que é bem tranquilo; Nós (brasileiros) ainda somos vistos como se estivéssemos num patamar abaixo. (RUFFATO, 2011).

Ruffato consegue imprimir no livro, de forma fluente e dinâmica, o encontro de dois mundos: o seu próprio, pelo personagem principal – também mineiro de Cataguases – e o de Portugal.

Estive em Lisboa e lembrei de você, é o terceiro título lançado pela editora Companhia das Letras, integrante do projeto *Amores Expressos*.

A obra é dividida em dois capítulos, *Como parei de fumar* e *Como voltei a fumar*, e conta, em forma de depoimento, a história de Sérgio de Souza Sampaio – o Serginho.

Na primeira parte da narrativa, conhecemos Serginho, morador de Cataguases - cidade do interior do estado de Minas Gerais - e sua história ainda no Brasil. A cidade natal do personagem é caracterizada de modo perfeito e detalhado e somos inseridos em seu contexto ao acompanhar a história de Serginho com todas as suas peculiaridades e problemáticas.

A narrativa tem como gancho inicial a questão do vício em fumar de Serginho e prossegue com a descrição do cotidiano do personagem nesse contexto interiorano. Após engravidar Noemi – moça de “idéia fraca” – e contrair matrimônio por “obrigação”, a vida de Serginho segue, no entanto, em uma sucessão de infortúnios: seu casamento desanda de vez e acaba, sua mãe falece após um infarto súbito, perde a guarda do filho e o emprego.

[...] não fosse a Noemi ser pega pelada em frente à Prefeitura, em plena tarde de sol quente, e aquilo tresandava em tragédia. Internaram ela numa *clínica de repouso* em Leopoldina, apossaram do Pierre pra criar (mudaram pra Granjaria, poupando da bisbilhotice dos vizinhos) e demandaram contra mim um processo por *maus-tratos, negligência e abandono de incapaz* - sendo *incapaz* a Noemi, e *testemunhas* os velhinhos da Stela - , mais as pensões de praxe. Eu vivia tão desacorçoado que não rendia mais na fábrica: as faltas e a desatenção me cortaram a carreira, e fui mandado embora cinco-seis meses depois do passamento da minha pranteada mãe. (RUFFATO, 2009a, p.25).

Indagado constantemente sobre o que pensa em fazer então, Serginho decide ir tentar a vida no estrangeiro, após uma conversa no bar e a influência de Seu Oliveira. Começa a colocar a idéia em ação e vira assunto na cidade - a comunidade inteira está orgulhosa, muitos lhe pedem lembranças de Portugal quando do seu retorno e Serginho parte para a nova etapa de sua vida - ovacionado!

A segunda parte de *Estive em Lisboa e lembrei de você* mostra Serginho já em Portugal - como personagem emigrante e imigrante ilegal em Lisboa. Aqui temos a visão do emigrante em território que lhe é desconhecido e a descrição daquela que é, não só a de Serginho, mas a realidade de tantos outros que buscam melhorar de vida no estrangeiro.

Em Portugal, Serginho convive com os preconceitos, com a constante competição entre os imigrantes - principalmente os vindos do leste Europeu, com as frustrações e quedas do dia a dia imposto pela dura realidade de Lisboa.

2 ENTRE O CHÃO PERDIDO E O CHÃO ENCONTRADO: DESLOCAMENTOS NO EIXO BRASIL - PORTUGAL

No princípio eram alguns homens que circulavam. Marinheiros que criaram afectos e interesses lá, onde a madeira ganhava tons mais quentes e a palavra Brasil se tornou nome da terra. Depois a prática de uns poucos tornou-se padrão de comportamento e o Brasil passou a inscrever-se como destino na formação social do Noroeste português. O florescer do ouro nas Minas e o desenvolvimento do comércio no litoral brasileiro incentivaram à partida e milhares de portugueses saíam anualmente a tactear a sorte, animando um importante tráfego veleiro. O fim da colonização e a independência do Brasil mudaram as condições institucionais, mas os trilhos estavam sulcados e a transferência de pessoas não só manteve as tendências anteriores como ganhou incremento e tomou novos cambiantes. Os colonos tornaram-se emigrantes (ALVES, 2000, p. 297).

De acordo com SILVA (2010), para falarmos ou escrevermos sobre a presença brasileira em Portugal, é essencial revisitarmos a história de mais de quinhentos anos de deslocamentos e relações estabelecidas entre Brasil e Portugal.

Os primeiros registros de imigração portuguesa datam no século XVIII e se tornam mais regulares a partir do século XIX. Por mais de quatro séculos, portugueses espalharam-se pelo mundo, velejaram, conquistaram e descobriram novas terras na Ásia, África e América, provando serem um “povo intensamente ulissiano” (FREYRE, 1953).

Em 1500, liderados por Pedro Álvares Cabral, chegaram em terras brasileiras para colonizar o território recém-descoberto. Nos primeiros dois séculos de colonização, vieram para o Brasil cerca de cem mil portugueses. No século seguinte, a média anual de imigrantes portugueses em solo brasileiro já era de dez mil, estimando a presença de 600 mil imigrantes portugueses no Brasil. (VENÂNCIO, 2000).

A imigração de portugueses no Brasil fez-se por fluxos; até a década de 1980, Portugal exportava força de trabalho para diversas partes do mundo. No Brasil, o período de 1891 a 1929 foi de grande imigração, quando grande parte dos

portugueses entrados no país trabalhava nas lavouras. Com a crise econômica mundial de 1929 e com a política migratória adotada pelo governo brasileiro na mesma época, o número de imigrantes que chegava ao Brasil caiu consideravelmente voltando a crescer somente na década de 50 - quando a imigração estrangeira voltou a ser incentivada e oportunidades no meio urbano - para trabalhadores com pouca qualificação - foram criadas.

Por volta da década de 1970, esse cenário começa a se inverter e Portugal passar a ter a presença significativa de brasileiros imigrantes. Segundo Fontes, foi nessa década que Portugal viveu uma grande escassez de mão de obra e passou a receber um maior número de estrangeiros. Vítima da crise econômica, o Brasil perde importância enquanto receptor de imigrantes passando a exportar emigrantes para a Europa.

Por não apresentar condições muito generosas aos imigrantes, Portugal se configura mais como porta de entrada para a Europa do que como país acolhedor de imigrantes brasileiros - as oportunidades de emprego no país são, em sua maioria, para trabalhos secundários.

Em *Estive em Lisboa e lembrei de você* Ruffato ficcionaliza a situação do imigrante em território português: expando seus infortúnios e problematizando a relação do imigrante com o estrangeiro, com sua pátria e consigo.

As duas epígrafes da obra aparecem como retrato velado dessa nova realidade do imigrante brasileiro em Portugal. A interpretação de ambas nos indica a receptividade - e a falta dela - para com o personagem de Ruffato e nos dão indícios do seu 'relacionamento' com a pátria abandonada.

O diálogo com outras linguagens é marca presente nas obras e no processo de criação de Ruffato. A primeira epígrafe da obra traz 4 versos da música *Lisboa, a Magnífica*, da banda de rock portuguesa Xutos e Pontapés, e, ironicamente, desconstrói o título da obra.

Sem me lembrar
De ti eu vivo
Em Lisboa
A Magnífica
Xutos e Pontapés

O título da obra de Ruffato nos remete diretamente ao registro estampado em camisetas e souvenirs usados para presentear outrem após retorno de alguma viagem: “Estive em (adicione o local aqui) e lembrei de você”. O presente vem acompanhado da idéia de saudade e do desejo de compartilhar um momento, uma lembrança - desejo e saudosismo - inicialmente - desconstruídos pela epígrafe que explicita o apagamento da origem e da exaltação do novo “lar”.

Nos quatro versos escolhidos por Ruffato, temos a imagem dessa cidade magnífica que faz o sujeito esquecer da vida (do passado e/ou de alguém) e que pressupõe a idéia de uma cidade acolhedora e bela. Mais do que vivendo em Portugal, se vive em *Lisboa, A Magnífica*. O leitor desavisado pode, no entanto, adicionar um quinto verso à epígrafe: Xutos e Pontapés.

O nome do grupo musical, seguido de quatro versos da música, nos remete mais facilmente à realidade representada pela narrativa (idéia também corroborada pela epígrafe seguinte) e o leitor mais curioso que buscar a totalidade da letra de *Lisboa, a Magnífica*, irá se deparar com a representação do processo de transformação da cidade e com o contexto em que o personagem principal de *Estive em Lisboa e lembrei de você* está inserido.

O Sol nasce
No sítio do costume
E crescem prédios
Em lugares sem nome

No Bloco C
Na Rua H
No 2º andar

A segunda epígrafe da obra é composta pelo poema de Miguel Torga, autor português, que traz um eu lírico saudoso do Brasil - terra onde viveu na infância.

Brasil onde vivi, Brasil onde penei,
Brasil dos meus assombros de menino:
Há quanto tempo já que te deixei,
Cais do lado de lá do meu destino!

Que milhas de angústia no mar da saudade!
Que salgado pranto no convés da ausência!
Chegar. Perder-te mais. Outra orfandade,

Agora sem o amparo da inocência.

Dois polos de atração no pensamento!
 Duas ânsias opostas nos sentidos!
 Um purgatório em que o sofrimento
 Nunca avista um dos céus apetecidos.

Ah, desterro do rosto em cada face,
 Tristeza dum regaço repartido!
 Antes o desespero naufragasse
 Entre o chão encontrado e o chão perdido.

(Miguel Torga)

Diferentemente da primeira epígrafe, o poema *Brasil* aparece após o título da obra; a organização das epígrafes dessa forma nos leva a refletir de maneira mais profunda sobre o próprio título do livro: o “ser lembrado” do título se configura aqui como a Pátria, deixada para trás, separada por um mar de saudade.

Acompanhando o desenrolar da segunda parte do livro, a epígrafe de Miguel Torga retrata a angústia do personagem de Ruffato nesse *purgatório em que o sofrimento nunca avista um dos céus apetecidos* e em que não há mais a inocência e a idealização do chão encontrado, uma vez que já se convive arduamente com a realidade imposta por Lisboa. Ambos compartilham o mesmo sentimento de profunda lamentação por terem se perdido no meio do caminho; a nação brasileira e a nacionalidade estão perdidas e o não pertencimento na nova nação está configurado.

Assim como as epígrafes, as dedicatórias presentes no livro também são apresentadas em duas instâncias: uma anterior ao título e outra posterior.

*Para os amigos
 Maria de Santa-Cruz e Fátima Álvares
 Antônio Jorge e Alberto João Marques*

E para Helena e Filipe, sempre

A primeira dedicatória, anterior ao título da obra, se comporta de modo comum; são nomes próprios, não citados explicitamente ao longo da obra. Porém, os primeiros nomes já nos remetem ao país onde a segunda parte da obra se passa: Santa-Cruz é um bairro de Lisboa, Fátima é uma das cidades mais conhecidas de

Portugal. Jorge remete à um dos pontos turísticos mais famosos de Lisboa (Castelo de São Jorge).

A segunda dedicatória vem como parte da Nota, posterior ao título da obra e é assinada. Coincidentemente, ou não, pelas iniciais do autor do livro: “L.R.”.

O que se segue é o depoimento, minimamente editado, de Sérgio de Souza Sampaio, nascido em Cataguases (MG) em 7 de agosto de 1969, gravado em quatro sessões, nas tardes de sábado dos dias 9, 16, 23 e 30 de julho de 2005, nas dependências do Solar dos Galegos, localizado no alto das escadinhas da Calçada do Duque, zona histórica de Lisboa. A Paulo Nogueira, que me apresentou a Serginho em Portugal, e a Gilmar Santana, que o conheceu no Brasil, oferto este livro.

L.R.

Ruffato propõe com essa segunda dedicatória uma trama com ares de verossimilhança; o personagem foi apresentado a ele por outra pessoa – por sinal de mesmo nome de um escritor brasileiro radicado em Portugal – e o depoimento colhido tem endereço preciso e datas marcadas que lhe dão maior coerência interna. Com esse recurso, o autor insere na obra Sergio de Souza Sampaio, seu protagonista, e coloca o leitor como ouvinte de sua história.

3 SERGINHO: PERSONAGEM EMIGRANTE EM PORTUGAL

Só depois de bastante tempo convivendo com o personagem Serginho, que então eu me sentei e deixei que ele contasse a história dele pra mim, como se eu realmente tivesse gravado aquela história com o gravador, como se na verdade, eu simplesmente tivesse decupado essa história. E pra mim foi muito fácil, de certa maneira, reconstruir o Serginho, porque ele é um personagem muito próximo de mim. De alguma maneira, eu também falei um dia daquele jeito, de alguma maneira, eu penso talvez daquela... Porque a linguagem não é só o que está externamente ali, é uma estrutura mental, é o ponto de vista, é uma visão de mundo. Então, o que eu tentei ali foi recuperar essa visão de mundo de um mineiro de Cataguases, de um cara que pouco saiu dos limites da região dele, e que tem uma visão muito ingênua da vida, uma visão muito positiva da vida. E que, quando ele, até de uma maneira fortuita, não foi nem uma opção, quase que ele vai empurrado, quando ele chega em Lisboa, vira aquele imigrante, e que aí é um imigrante como qualquer um, e que precisa sobreviver. E o imigrante que precisa sobreviver, ele acaba tendo um comportamento antropofágico, ele precisa de alguma maneira ser reconhecido. E o que acontece com o Serginho é isso, na segunda parte, ele vai incorporando um novo vocabulário que ele vai ouvindo, as vezes até de uma maneira absolutamente inconsciente, e outras vezes consciente, para que ele possa então ser aceito, para que ele então possa passar a fazer parte daquela nova paisagem, a qual ele não sabe quanto tempo ele vai - ou até mesmo o resto da vida -, ele vai ter que conviver com ela. Então, pra mim foi muito fácil nesse sentido, eu tinha muito claro como ia ser essa passagem. (RUFFATO, 2010).

Como bem descreve Ruffato, Serginho é um homem simples, humilde, mineiro de Cataguases que não conhece (com exceção de Juiz de Fora e do Rio de Janeiro) muito além dos limites de sua cidade Natal.

O personagem de Ruffato vê sua vida se degrading após uma série de infortúnios no interior mineiro e vai tentar a vida em Lisboa - como milhares de outros imigrantes.

Resolvi explorar a experiência do Seu Oliveira [...], com a minha cultura, a minha desenvoltura, a minha saEude, "Vá, Sérgio, empenhe-se, economize", pra, investindo em imóveis em Cataguases, garantir uma velhice tranquila de papo-pro-ar,... (RUFFATO, 2009a, p. 28-29).

Depara-se, no entanto, com uma realidade muito diferente da contada pelo português Seu Oliveira - morador de Cataguases que o influência na empreitada - e daquela mostrada em cartões postais.

Serginho vive agora em uma cidade excludente, repleta de imigrantes que *não são nada em Portugal*, vê degradingolar seus anseios e, bem como no Brasil, enfrenta uma série de quedas e infortúnios que o distanciam cada vez mais da concretização dos seus planos.

[...] uma aflição no peito, uma mágoa empedrada e, de-afoiteza, entrei, o silêncio friento me acolheu, amparando meu cansaço, e, comovido, ajoelhei e recordei a finada minha mãe, o finado meu pai, o Pierre, os amigos e parentes agora tão distantes, e clamei para que Deus auxiliasse aquele momento difícil de solidão e arrependimento (...). (RUFFATO, 2009a, p. 53).

A personagem na literatura é sabidamente um ser fictício e, no entanto, “a criação literária só se realiza em toda sua plenitude quando prima pelo princípio da verossimilhança” (CANDIDO, 1976). Quando o leitor é convencido, por intermédio dos personagens, de que tudo o que na obra vai ser escrito é passível de ser verdadeiro, o romance estabelece, inevitavelmente, uma relação com o mundo real.

Em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, o autor nos convece logo no início da narrativa de que estamos lendo um depoimento pronunciado em Lisboa e nos apresenta o personagem Serginho. Uma vez estabelecida a verossimilhança, os personagens passam também a se relacionar ao campo real; segundo Candido, esses personagens - como Serginho - que aparecem principalmente em obras de escritores do século XIX e posteriores, trazem em si a mesma complexidade ou a mesma densidade psicológica das pessoas que fazem parte do mundo real.

Indivíduo deslocado, Sergio de Souza Sampaio representa o sujeito migrante, insatisfeito com sua condição social e existencial, aspirante a melhorar de vida em países estrangeiros e que, ao se deparar com a realidade imposta pelas grandes metrópoles que já enfrentam os problemas gerados pelo intenso fluxo migratório, se lembra, na condição de imigrante, do seu país de origem; saudosos da pátria, se lembra de amar o Brasil.

4 ENTRE CHUTOS E PONTAPÉS - O MOVIMENTO DESCENSIONAL DO PERSONAGEM PELAS RUAS DE LISBOA

Queda: s.f. Ato ou efeito de cair; (fig.) decadência; ruína; descrédito; erro, falta, culpa; pecado; declive; tendência, inclinação; termo, fim; [...]. (FERREIRA, 1971)

O tema da descida na ficção aparece com frequência na literatura - do mito grego de Orféu à narrativas mais recentes, como *Grande Sertão: veredas*. Ao longo do tempo e em diferentes obras “os percursos de descida, apropriados à investigação que o romance sempre empreende acerca da natureza humana, refletem não só uma sofrida busca de algo ou alguém, mas também, talvez principalmente, de si mesmo” (FREIRE, 2007).

Se revisitarmos alguns clássicos da literatura brasileira, iremos nos deparar com personagens que estão sempre em queda, descendo e caindo de modo figurado ou mesmo denotativo: Bentinho em *Dom Casmurro*, Madalena em *São Bernardo*, Riobaldo em *Grande Sertão: veredas* e Augusto Matraga em *A hora e a vez de Augusto Matraga* são exemplos de personagens cujas vidas são compostas também por quedas.

Este termo foi palavra chave em minha leitura de *Estive em Lisboa e lembrei de você* - em vários aspectos e presente em diferentes significados ao longo da trajetória de Serginho na obra. Do sentimento de culpa e da obrigação de compensar a falta de sua presença na vida do filho pequeno, do cair em ambiente desconhecido, em país distante, descendo pelas ruas de Lisboa, à completa decadência e ruína e perda da identidade. Em todas essas quedas se encaixa a vida do personagem de Ruffato no livro.

Em meio as suas memórias, contadas ao interlocutor de maneira tão precisa, podemos observar no discurso de Serginho as preocupações constantes que sempre marcaram sua vida e, conseqüentemente, suas constantes quedas e infortúnios.

A narração se inicia com o relato de Serginho sobre retomar o vício de fumar após longos seis anos e meio.

Voltei a fumar, após seis anos e meio, pouco mais ou menos, da minha visita ao doutor Fernando, quando ele, prescrevendo o tratamento - tegretol, fluoxetina e adesivos de nicotina - , alertou, “Os medicamentos auxiliam”, mas parar mesmo, de vez, condicionava à minha determinação [...]. (RUFFATO, 2009a, p. 15).

A tendência e inclinação a voltar a fumar é assunto que perpassa toda a obra de Ruffato; o romance é dividido em duas partes: *Como parei de fumar* e *Como voltei a fumar*. Não obstante, a reflexão envolvendo o ato de fumar dão o ritmo da narrativa e envolvem o personagem Serginho em uma série de culpas e desculpas que justifiquem os acertos e erros do personagem.

Mas foi parar de fumar, e as coisas degradingolaram na minha vida, e só não desisti daquela empreitada pra não desapontar o doutor Fernando, que adotou uma felicidade irradiante, me expondo para deus-e-o-mundo como prova incontestante do seu método revolucionário [...]. (RUFFATO, 2009a, p. 21)

Serginho associa os infortúnios da sua vida ao ato de parar de fumar; o cigarro é defendido como elemento essencial nas tomadas de decisão do personagem e ponto de partida para os impasses de sua vida.

O ato de cair ou não na tentação de voltar a fumar nos remete àquela por muitos considerada a primeira queda do homem.

A cobra era o animal mais esperto que o SENHOR Deus havia feito. Ela perguntou à mulher:

- É verdade que Deus mandou que vocês não comessem as frutas de nenhuma árvore do jardim?

A mulher respondeu:

- Podemos comer as frutas de qualquer árvore, menos a fruta da árvore que fica no meio do jardim. Deus nos disse que não devemos comer dessa fruta, nem tocar nela. Se fizermos isso, morreremos.

Mas a cobra afirmou:

- Vocês não morrerão coisa nenhuma! Deus disse isso porque sabe que, quando vocês comerem a fruta dessa árvore, os seus olhos se abrirão, e vocês serão como Deus, conhecendo o bem e o mal.

A mulher viu que a árvore era bonita e que as suas frutas eram boas de se comer. E ela pensou como seria bom ter entendimento. Aí apanhou uma fruta e comeu; e deu ao seu marido, e ele também comeu. (BÍBLIA, AT., Gn.).

Nas religiões abraâmicas, a queda refere-se à primeira transição humana de um estado de inocência e obediência a Deus para um estado de culpa e desobediência. Retomando a crença original dessas religiões - em uma interpretação cristã - os primeiros seres humanos, Adão e Eva, tentados pela cobra, comem o fruto proibido e, após cometerem o pecado e serem repreendidos, são expulsos do paraíso.

Serginho se vê várias vezes tentado a voltar a fumar. Eva via no medo da morte o 'freio' para não 'cometer o pecado' e Serginho é guiado por vários medos - entre eles o de decepcionar o Doutor Fernando e o de desonrar a memória da mãe - que constantemente o impedem de retomar o vício.

O relato da história de Adão e Eva é considerado a primeira queda do homem. Na vida de Serginho, a retomada do vício de fumar é sua última grande queda - sobre a qual voltarei a falar ao longo dessa análise.

Quando falamos em quedas, podemos pressupor a questão do deslocamento - geralmente físico, muitas vezes "forçado ou pelo menos não de todo agradável (FREIRE 2007). Em *Estive em Lisboa e lembrei de você* nos deparamos com um personagem que se desloca do interior de Minas Gerais, no Brasil, para a capital portuguesa: Lisboa.

Um dos aspectos interessantes da obra de Ruffato é o fato de o autor nos situar, de modo preciso, em Lisboa; pela narrativa passamos a conhecer a cidade por seus bairros, suas ruas, seus pontos turísticos e vivenciamos, juntamente com seu personagem principal, o cotidiano da cidade.

Lisboa, situa-se na margem direita do rio Tejo, no centro de Portugal, e, tal como Roma, é também conhecida como a cidade das sete colinas.

Occupa agora pois esta Cidade em comprimento de Belém té Saõ Bento de Enxobregas, que são quasi duas legoas, continuando-se sempre casas e quintas, ficando o meo della, e o a que propriamente chamamos cidade, situada sobre sete montes muy altos, e de muyta distancia entre huns, e outros, e os ocupa a todos, não só nos altos deles, mas em todas suas

fraldas, e raízes, e valles, como se deixa claramente ver de quem vem do mar, que de terra não há lugar donde se possa ver mais, que quando muyto a terceira parte della. (OLIVEIRA, 1620, p. 60).

O primeiro a fazer referências as sete colinas de Lisboa foi Frei Nicolau de Oliveira, ainda no século XVII: Castelo (Colina de São Jorge), Colina de São Vicente, Colina de São Roque, Colina de Santo André, Colina de Santa Catarina, Colina de Chagas e Colina de Sant'Ana.

Mesmo que não apareçam citadas de forma explícita, as colinas (pontos de maior altitude da cidade de Lisboa) estão presentes na obra de Ruffato, bem como pontos de onde se pode ver a cidade do alto.

Lisboa cheira sardinha no calor e castanha assada no frio, descobri isso revirando a cidade de cabeça-para-baixo, de metro, de eléctrico, de autocarro, de comboio, de a-pé, sozinho ou ladeado pela Sheila. Com ela de guia, visitamos um monte de sítios bestiais, o **Castelo de São Jorge**, o **Elevador de Santa Justa**, Belém (para comer pastel), o Padrão dos Descobrimentos e o Aquário [...]. (RUFFATO, 2009a, p. 67, grifo nosso).

É interessante notar que boa parte dos momentos de realização do personagem Serginho em Lisboa estão ligados aos locais mais altos - geograficamente falando - da cidade. A visita aos pontos turísticos mais altos, por exemplo, são em companhia de Sheila (mulher pela qual se apaixona) e se configura como um dos raros momentos de prazer do personagem em terra estrangeira.

Não está em discussão nessa análise o intuito do autor de projetar esses significados nos momentos analisados, mas sim a maneira como podem ser lidos e interpretados e as significações possíveis desse espaço geográfico.

Ainda tomando a geografia - de Portugal e de Lisboa - como referência, o restaurante onde encontra trabalho - fonte de renda para possível realização de seus planos - também fica na parte alta da cidade.

[...] o Jerê estava sabendo de uma vaga de garçom num restaurante no **Bairro Alto** e que, se quisesse, o emprego era meu, mas devia ir sem-falta

procurar um tal de seu Peixoto, o que fiz imediatamente. (RUFFATO, 2009a, p. 53, grifo nosso).

Quando ainda estava no Brasil, o português seu Oliveira recomenda a Serginho que procure emprego com seu contato e lhe entregue um endereço, que o personagem procura em Lisboa e só depois vem a saber que o local de oportunidades boas, acolhedor e belo fica ao norte do país, na cidade de Porto (geograficamente localizada em uma altitude maior que Lisboa).

Por outro lado, todos os momentos de queda do personagem se dão nas partes planas ou baixas de Lisboa. A começar pelo bairro onde se hospeda.

Passei dormindo meu primeiro dia em Portugal, **debaixo** das cobertas no Hotel do Vizeu, na **Madragoa**, um bairro antigo pra caramba, de ruínas estreitas e casario maquiado, uma antiguidade tão grande que até as pessoas são passadas, velhas agasalhadas em xales pretos, velhos de boinas de lã subindo-descendo devagar o ladeirame, sem ar, escorados nas paredes [...]. (RUFFATO, 2009a, p. 39, grifo nosso).

O bairro da Madragoa, à beira do Tejo, é um bairro popular de Lisboa e sempre foi um local de cruzamento de raças e culturas diferentes. Era a porta de entrada de pessoas e mercadorias na cidade de Lisboa e a zona por onde esta começou a expandir-se no século XV e na qual, por volta dos séculos XVI e XVII, além de pescadores, uma grande quantidade de negros, provenientes das colônias portuguesas, se assentou. Apesar de já ter abrigado uma série de conventos é, como descreve Serginho, um bairro antigo e de ladeirames.

O personagem de Ruffato está numa constante queda pelas ruas da cidade; em meio as suas reflexões ele está sempre descendo alguma rua, alguma ladeira ou visitando algum dos locais nas partes baixas de Lisboa.

Essas quedas são marcadas ao longo do romance com o uso de palavras/expressões com essa significação ou que nos remetam a essa interpretação. Transcrevo a seguir, trechos da obra que corroboram a interpretação e nos dão essa sensação de quedas - movimentos de descida - constantes do personagem Serginho.

Dia seguinte, levantei cedo, agasalhei bem, e, disposto a procurar o contato que o seu Oliveira tinha passado, **desci**, deparei com a recepção abandonada [...], **e desci a rua**, e, especulando, alcancei a beira do Tejo [...]. (RUFFATO, 2009a, p. 42-43, grifo nosso).

Foi o seu Carrilho que indicou o Ao Recanto dos Caçadores, **três quadras à direita de quem desce**, difícil adivinhar a tasca atrás daquela porta espigada, solteira, estropiada, um balcãozinho sebento mal comportando a caixa-registradora do tempo-do-epa, uma **escada** estreita e custosa **que dava num porão baixo** [...] o dinheiro escassando e nada de serviço, o que me deixava numa situação de desespero, pensei até em fazer uma doideira, tomar veneno ou **pular da ponte** Vinte e Cinco de Abril, [...] chegava cedo e comia devagar, prestando atenção na freguesia, por exemplo, o sujeito que sempre sentava no mesmo lugar, numa das duas únicas janelas que dava pra **rua inclinada**. (RUFFATO, 2009a, p. 49-50, grifo nosso).

[...] um tipo me abordou, me confundindo talvez com um gringo, “Marirruana?”, não atinei com a pergunta, balancei a cabeça, simpático, e me fez um sinal pra acompanhar ele, **descemos toda a rua Augusta**, eu no sobrepasso dele, [...] estacionamos no meio da praça do Comércio, ele me mandou **sentar na escadaria** da estátua esverdeada que tem lá [...]. (RUFFATO, 2009a, p. 70, grifo nosso).

Na rua Augusta, uma das principais ruas da parte baixa de Lisboa, nos deparamos ainda com uma das quedas mais marcantes do personagem Serginho: a queda na clandestinidade e algumas de suas consequências. Ao ser abordado por um traficante, e só entender o que acontecia depois, não pode nem ao menos buscar auxílio com um policial já que está clandestino na cidade.

[...] e, como estava **clandestino**, prossegui devagar, ordeiro, e na esquina parei [...] (RUFFATO, 2009a, p. 70, grifo nosso).

[...] estudei o entorno buscando uma autoridade, desgramado!, mas aí lembrei que **não possuía o raio do documento**, se denunciasses eles, passando droga em plena luz do dia, podia é ainda me lascar [...]. (RUFFATO, 2009a, p. 71, grifo nosso).

A situação de clandestinidade de Serginho nos encaminha para a sua maior queda em Lisboa, apresentada ao leitor já na parte final da narrativa. Após receber

uma ligação de Sheila, despenca Madragoa abaixo e vai encontrá-la num café (também localizado na parte mais plana de Lisboa) de onde segue com a moça para encontrar um agiota, o Sr. Almeida, - Sheila contou que “tinha tido um contratempo e carecia urgente de dinheiro” (RUFFATO, 2009a, p.76).

Sheila está em busca de um empréstimo de dois mil euros e, ante a indagação do agiota sobre a garantia que ela tinha a oferecer, a mulher lhe apresenta o passaporte – considerado insuficiente pelo Sr. Almeida. É nesse momento que Serginho intervém:

[...] mesmo adivinhando que **deslizava barranco abaixo**, gaguejei, “Se...o caso...é...sério...”, e, de pé, desajeitado, tratei de resgatar o meu próprio documento [...] e o Senhor Almeida, já agora esvaziado da minha simpatia, levantou da poltrona, carregou, acompanhado do Kilape, os dois passaportes pra um cômodo afastado, e de lá gritou, satisfeito, “Agora sim, caraças!” [...]. (RUFFATO, 2009a, p. 77, grifo nosso).

Ao entregar o passaporte, Serginho abre mão de seu último vínculo legal com a nacionalidade brasileira. Com o documento, também se vão seus projetos, sonhos e a possibilidade de retorno ao Brasil. O personagem se percebe agora, clandestino, *entre o chão perdido e o chão encontrado*.

[...] “É ilusão, Serginho”, pura ilusão imaginar que uma-hora a gente volta pra nossa terra, “Volta nada”, a precisão drena os recursos, “É a mãe doente na fila do sus, é o pai com câncer de próstata que precisa de um remédio caro, é um irmão que estuda, uma irmã que casa, um sobrinho problemático”, os cabelos caem, a pele enruga, “Nessa brincadeira” cinco anos escorreram já, “E sabe quanto consegui acumular? Nada...Porra nenhuma” [...]. (RUFFATO, 2009a, p.79).

O personagem perde o emprego e desce mais ainda pelas ruas de Portugal. Sem rumo, sai da parte alta da cidade e procura, em vão, por Sheila. No desespero, foge do hotel onde vivia e vai parar *numa pensãozinha sem nome na Buraca*.

[...] desempregado, sem documento, [...] **desci devagar as ruas do Bairro Alto**, no meio da fuzarca dos jovens varapaus branqueiros, alegremente embriagados, que rumavam pras docas em demanda de lugar pra dançar e

perpetuar a bebedeira, e esbarrando em casais, senhores e senhoras bem-vestidos, que, em direção contrária, buscavam o aconchego das casas de fado. [...]. (RUFFATO, 2009a, p. 82, grifo nosso).

[...] Pés e mãos atados, impossibilitado de dar parte na polícia do sumiço da Sheila e do extravio do meu passaporte, imaginei perseguido pelo Senhor Almeida nos **autocarros** e **eléctricos**, **metro** e **comboio**. No desespero, fugi clandestino do Hotel do Vizeu [...]. (RUFFATO, 2009a, p. 83, grifo do autor).

Serginho é, portanto retrato de tantos emigrantes, não só em Portugal, mas em todos os cantos do mundo: refém da clandestinidade, sem qualquer perspectiva, renegado a uma situação distante da que sonhava quando decidiu emigrar para Portugal, entregue a desesperança.

[...] E foi assim que, depois de seis anos e meio, pouco mais ou menos, entrei numa tabacaria, pedi um maço de sg, um isqueiro, tirei um cigarro, acendi e voltei a fumar. (RUFFATO, 2009a, p. 83)

Serginho abandona o vício quando decide viajar a Lisboa em busca de novas perspectivas de vida e volta fumar em Lisboa, em uma situação em que reproduz na capital de Portugal as mesmas condições econômicas do indivíduo mineiro de Cataguases - condição da qual queria se afastar.

Sem mais nada a perder, todo e qualquer medo ou “freio” que o impedisse de retomar o vício é deixado de lado e Serginho retoma o hábito de fumar – o que se configura como sua última grande queda em *Estive em Lisboa e lembrei de você*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história contada em *Estive em Lisboa e lembrei de você* é um panorama conciso dos sofrimentos enfrentados por alguns imigrantes brasileiros: preconceito, pobreza, depressão, desesperança e uma possibilidade cada vez mais distante de voltar à terra natal.

A proposta inicial do projeto *Amores Expressos* é cumprida com maestria por Luiz Ruffato; seu personagem encontra o amor físico em Portugal - ao se relacionar com Sheila - e o vivencia e sente ao se recordar dos momentos vividos no Brasil.

[...] *Estive em Lisboa e lembrei de você* não é uma história de amor, são muitas histórias de amor a uma gente sofrida que fica, que parte [...] são histórias de um amor expresso na pele, nos olhos, e no cotidiano de gente que viaja de Cataguases a Lisboa [...] entre saudades, esperanças e desencantos. (COSTA, 2009).

Ruffato consegue concretizar em *Estive em Lisboa e lembrei de você* algo raro em “projetos de encomenda”: a obra não só atende às demandas do projeto *Amores Expressos* como também mantém-se dentro da linha temática que o autor vem desenvolvendo em seus outros livros.

Os tropeços do personagem principal em Lisboa nos transmitem uma visão mais ampla da trajetória dos imigrantes brasileiros na Europa. As quedas aqui analisadas não são somente de Serginho, são representações de diversas vozes espalhadas pelo mundo; vozes de sujeitos em condições similares às de Sérgio Sampaio, homens e mulheres saudosos de sua pátria, capazes de rememorar, na condição de imigrantes, seu país de origem e que exaltam suas qualidades. São vozes de indivíduos que, separados por *milhas de angústia no mar da saudade*, se lembram de amar o Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Jorge Fernandes. Atalhos batidos – A emigração nortenha para o Brasil. **Atalaia Revista do CICTSUL**, Lisboa, 2010. Disponível em: <<http://www.triplov.com/atalaia/alves.html>>. Acesso em: 6 mar. 2013.

BÍBLIA Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Edição em letra grande. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: CANDIDO, A. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 53-80.

COSTA, Vilma. **Amores expressos na pele**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/amores-expressos-na-pele/>>. Acesso em: 7 mar. 2013.

ENTREVISTA, com Luiz Ruffato. Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=e9pNaYWFPyM >. Acesso em: 13 mar. 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1971.

FREIRE, José Alonso Tôrres. Variações em torno do mesmo tema: a descida. **Aletria**, Belo Horizonte, v.15, jan./jun. 2007. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/poslit>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

FREYRE, Gilberto. **Um brasileiro em terras portuguesas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

GODET, Rita Olivieri-. Entre o chão encontrado e o chão perdido: Estive em Lisboa e Lembrei de você, de Luiz Ruffato. **Aletria**, Belo Horizonte, v.22, n.3, set./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/3854/3797>>. Acesso em: 11 mai. 2013.

LOBO, Rosana Corrêa. Amores Expressos: Literatura Brasileira em tempos de globalização. In: Congresso Internacional da ABRALIC: Centro, Centros – Ética, Estética - UFPR, 12., 2011, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: ABRALIC, 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0672-1.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2013

OLIVEIRA, Carolina. Estive em Lisboa e lembrei de você – A experiência do sujeito migrante no mundo contemporâneo. In: Seminário Internacional em Letras, 12, 2012, Santa Maria. **Anais eletrônicos...** Santa Maria: UNIFRA, 2012. Disponível em: <<http://unifra.br/eventos/inletras2012/Trabalhos/4632.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2013

OLIVEIRA, Nicolau de. **Livro das grandezas de Lisboa**. Lisboa: Iorge Rodrigues, 1620.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira; CADORE, Amanda. Desamores expressos – Estive em Lisboa e lembrei de você. **Navegações**, Porto Alegre, v.3, n.2, p. 148-153, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/8434/6019>>. Acesso em: 12 mai. 2013.

RODRIGUES, Marco Antonio. Mobilidade precária em Terra estrangeira e em Estive em Lisboa e lembrei de você. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n.39, p. 181-192, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182012000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mai. 2013.

RUFFATO, Luiz. **Blog do Luiz Ruffato [Internet]**. Lisboa: Luiz Ruffato, 2007. Disponível em <<http://blogdoluirzuffato.blogspot.com.br>>. Acesso em: 6 mar. 2013.

_____. **Entrevista com o escritor Luiz Ruffato**. Rio de Janeiro, II Conexões Itaú Cultural - Encontro Internacional de Literatura Brasileira, mar. 2010. Entrevista a Daniela Amorim.

_____. **Estive em Lisboa e lembrei de você**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.

_____. **Paio Literário - Luiz Ruffato**. Curitiba, Paio Literário, 2009b. Entrevista a Jose Castello.

_____. **Sessão Independente: Amores Expressos - Lisboa**. Lisboa, TV Cultura, 2011.

SILVA, Adriano Larentes da. Migrações internacionais e mundos do trabalho: brasileiros em Portugal e na Espanha (1986-2008). Tese de doutorado em História – Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0346-T.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2013.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Presença de portugueses: de colonizadores a imigrantes. In: Brasil: 500 anos de descobrimento. IBGE, 2000. Disponível em: <<http://memoria.ibge.gov.br/publicacoes/brasil-500-anos-de-povoamento>>. Acesso em: 7 mar. 2013.

VOLPATO, Cadão. Bonde das Letras. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 mar. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1703200707.htm>>. Acesso em: 8 de abril de 2013.

VOLPATO, Cadão. Bonde do Barulho. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 mar. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2403200707.htm>>. Acesso em: 8 de abril de 2013.